

Uma diversidade de opiniões

por Salvador Raimundo

Damos hoje prosseguimento ao tema iniciado na nossa edição de 15 de Maio, sobre a profissionalização do desporto moçambicano e mais particularmente do futebol. Ouvimos o depoimento de mais alguns cidadãos, todos eles de uma outra forma ligados ao desporto nacional. Devido a problemas de espaço, não nos será possível publicar hoje os depoimentos de todos os cidadãos ouvidos. Publicaremos em próxima ocasião os restantes (que, aliás, não são muitos, dada a recusa de algumas pessoas ligadas aos meios desportivos de se pronunciarem).

Jonas Xerinda, professor de Teoria e Metodologia do Treino Des-



Jonas Xerinda — Professor de Teoria e Metodologia do Treino Desportivo

portivo no Instituto Nacional de Educação Física, começou por nos dizer: Quem é que não quer o profissionalismo? Os melhores futebolistas do mundo são profissionais, casos de Maradona, Platini, entre outros. Por isso, como é que eu posso estar contra o profissionalismo?

Jonas Xerinda adiantou que só que a sua garantia num determinado país está directamente dependente do desenvolvimento sócio-económico. Se nós transferirmos este princípio para a realidade moçambicana, é evidente que primeiro há que desenvolver a base económica e torná-la sólida, porque mesmo das equipas consideradas «grandes» em Moçambique, interrogam-se se têm base económica para profissionalizar o futebol. E essas equipas são três ou quatro. E o resto? Portanto, seria profissionalizar apenas

três equipas num país tão imenso como Moçambique.

Em relação às integrações dos clubes em empresas, Jonas Xerinda disse estar de acordo com a iniciativa, embora a sua efectivação encontre dificuldades, exactamente devido às dificuldades económicas em que o País se encontra.

É UM PROBLEMA COMPLEXO

Enrique Querol, também professor no Instituto Nacional de Educação Física, começou por nos dizer que o profissionalismo no desporto é um problema complexo e essencialmente ligado às relações sociais, ao nível de desenvolvimento económico da sociedade onde impera. Abrange todos os participantes no acto desportivo (técnicos, árbitros, dirigentes e jornalistas), o que implica relações com os patrocinadores, empresas integradoras, publicidade, indústria de material desportivo; «sponsors», financiadores de prémios e, em última instância, o público consumidor da actividade desportiva, dos produtos e interesses mercantis que o sustentam.

Querol adiantou ainda que o profissionalismo associa-se ao espectáculo. Não acredito na simples transferência de modelos de profissionalismo próprios de sociedades desenvolvidas, pensando-se que assim vai se impulsionar o nosso desporto; resultaria contraproducente e a longo prazo seriam prejudicados não somente os desportistas mas também o próprio desenvolvimento desportivo, seja de forma competitiva ou entendido como cultura física de massas.

Para o nosso entrevistado, o tema merece um estudo multidisciplinar profundo, mas como aspecto fundamental, rejeito toda a transferência mecânica e irreflectida de formas de profissionalismo características de países desenvolvidos, com abundante sociedade de consumo. Não é essa a solução para o nosso subdesenvolvimento no desporto, tão negativamente afectado pela «urgência» de vitórias.

Os nossos desportistas não estão preparados para essas relações psicológicas e sociais e muito menos os adolescentes... — acrescentou.

Deve-se pensar no problema social, na sua vida depois da actividade desportiva. Há que criar formas de apoio e orientação correspondentes às nossas necessidades e estado de desenvolvimento económico e social. — referiu.

A finalizar, o nosso interlocutor afirmou que não há que esquecer



Enrique Querol — Psicólogo Desportivo

o país inteiro, os seus problemas e sua realidade histórica e política, a especificidade natural do nosso actual desenvolvimento desportivo, antes de recorrer a «duvidosas so-

de integradora e o clube para, em conjunto, poderem achar soluções para os problemas que sempre aparecem.

A finalizar, Orlando Silva afirmou: Nos tempos actuais, terão, os clubes desportivos e entidades integradoras, que rever as possibilidades de manutenção dos actuais esquemas de funcionamento.

BOA IDEIA, MAS...

Josué Filipe Tembe, antigo dirigente do Nacional Africano e membro fundador daquela colectividade desportiva, convidado a debruçar-se sobre esta questão, disse que a ideia é boa, mas deparará com um problema com que todos nós nos debatemos neste momento, que é o problema alimentar. Se fosse nos tempos, não haveria problemas nenhuns. Hoje em dia o jogador só se alimenta melhor quando se encontra integrado numa selecção nacional, onde se beneficia de uma alimentação mais ou menos cuidada.

Por outro lado, segundo o nosso entrevistado, os clubes desportivos enfrentam dificuldades financeiras sérias. No Nacional Africano, neste

do Programa de Reabilitação Económica. A situação é diferente da dos dias passados, em que podíamos, como sócios dos clubes filiados na AFA, contribuir com dez meticais, mas conseguindo suportar as despesas da agremiação, algo que hoje já não acontece. A agravar a isso, nota-se uma cada vez maior abandono dos clubes da segunda divisão.

O Sr. pode dizer-me se a integração dos clubes trouxe algum benefício? Eles (os clubes) é que fazem um esforço e não as empresas integradoras. A ideia de integrar clubes em empresas não veio numa altura propícia.

SOU PELO PROFISSIONALISMO

Fernando Langa, operário da empresa Texlom, disse, a propósito desta questão, o seguinte: Penso que o profissionalismo, no futebol, pode proporcionar-nos resultados bastante positivos, desde que tenha princípios bem definidos. A prática do futebol, tanto quantitativa como qualitativamente, e a sua evolução, estão íntima e directamente dependentes de um tra-



O empenho das agremiações desportivas profissionais está ligado à compra-venda da força de trabalho, dos trabalhadores e dos diferentes técnicos

luções» que podem resultar alienadoras.

NÃO CONCORDO

Não concordo com a profissionalização do futebol moçambicano, pois acho que as condições actuais dos clubes são precárias. Não temos assistência nem possibilidade para, num futuro próximo, entrarmos no campo do profissionalismo, pois que isso acarreta uma certa orgânica que o nosso meio desportivo ainda não pode atingir. Assim começou por nos dizer Orlando Silva, Presidente do Grupo Desportivo do Maputo.

Aquele dirigente «alvi-negro», fez questão ainda de dizer que a grande falta de público nos campos de futebol, e as receitas associativas, não fornecem quotizações para suportar esse grande encargo que o profissionalismo acarreta.

Além do mais — prosseguiu — para se enveredar para esse campo seria necessário que os clubes possuíssem instalações à altura desse nome, e, para ser atingido esse ponto, é necessário dinheiro. E, perguntou eu, donde viria essa mola impulsora para os encargos?

Instado a pronunciar-se sobre as integrações dos clubes desportivos em empresas, Orlando Silva frisou: Acho que a integração foi benéfica, porque deu um suporte material aos clubes e uma perspectiva profissional, emprego e garantia de futuro social aos jogadores.

De acordo com o nosso entrevistado, como em qualquer situação deste tipo, terá que haver um bom relacionamento entre a entida-

dade, gerimos um bar (alugado) para podermos suportar as despesas da colectividade particularmente no que respeita ao aluguer do «Chapa/100» para o transporte dos jogadores nos dias em que tivermos jogo. Felizmente, desta maneira conseguimos sobreviver.

Estes problemas de ordem financeira, nas agremiações desportivas da segunda divisão agravadas, pela não autorização da realização de torneios tendentes a possibilitar a angariação de fundos, e ainda por estarmos desunidos, o que não nos permite apresentar às entidades desportivas propostas comuns com vista à resolução dos problemas que afectam os nossos clubes desportivos.

Mais adiante, Josué Filipe Tembe disse que hoje em dia tudo depende

do fundo de fundo que vise uma boa preparação do executante (jogador), nos mais diferentes aspectos.

Claro que o princípio não será fácil — adiantou — pois dependerá das capacidades organizativas e da gestão das agremiações desportivas no processo, sendo imperioso que se crie um sindicato desportivo para a garantia do profissionalismo.

Fernando Langa é de opinião de que a maior parte dos treinadores dedicam-se mais à qualidade física que aos aspectos técnico-tácticos dos seus jogadores, visando, com isso, superar as dificuldades acima mencionadas; aspecto que, com o profissionalismo, tenderá a desaparecer.

Aquele operário fabril adiantou: Nestas condições, que tipo de jogador é produzido? Tudo aquilo que se encontra inserido no PRE produz sucessos, em termos de qualidade e quantidade. Portanto, se me permitem a expressão, é esbanjamento despendar um funcionário da sua actividade, apenas para ir desenvolver a actividade desportiva, o mesmo se passando em relação aos jogadores. Claro que me refiro às empresas que têm feito esse «jeitinho», uma vez que não é oficial. Não estará esta situação a provocar afluxo de trabalhadores sem necessidade? — Interrogou-se Fernando Langa.

A concluir, Fernando Langa disse: Sou de opinião de que se deve introduzir o profissionalismo, pois nos trará sucessos, tanto ao nível dos clubes, como ao nível das nossas selecções nacionais.



Josué Filipe Tembe — Sócio-fundador do Nacional Africano



Orlando Silva — Presidente do Desportivo